

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 16—1.º ANO

Dirêtor: PILOTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVREPublica-se às 5.ªs feiras
Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ºEditor: JAIME DE CASTRO
Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

O comício monstro de domingo

inspirado e protegido pelo governo

CONTRA O AUMENTO DAS RENDAS DE CASAS

constituiu uma resposta clara á conferencia do sr. Afonso Costa na Imprensa Nacional, pois que nele se reconheceu a inutilidade do parlamento e se fez entre unanimes aclamações a apolojia e aprovação da ação direta. Assim, nele se considerou a resistencia aos senhorios como a melhor forma de solucionar a questão e se aprovou uma moção de protesto contra o encerramento da Casa Sindical e contra os atropelos ás liberdades de reunião, associação e pensamento.

O atual governo, que tem afirmado ter consigo a opinião publica, recebeu com a extraordinaria manifestação de domingo, formada por algumas dezenas de milhares de individuos, o mais formidavel desmentido e a mais tremenda demonstração de como o povo consciente de Lisboa é contrario aos seus processos e ás suas perseguições.

Os detratores do sindicalismo

Um Manifesto Clandestino

Como dissemos no numero passado, foi espalhado entre os rurais um manifesto de "propaganda social", dirigido "ao povo trabalhador" por alguém que se diz "camarada e amigo" (*Olhai, não vos deixeis enganar, S. Paulo*), mas que não firma, nem sequer com um pseudónimo!

O impresso traz a marca da fábrica: é sem dúvida da Imprensa Nacional. Mas não é ele que o diz espressamente, como o ezije a lei. Não indica a tipografia, nem o editor, nem o autor. Este belo ezemplo de legalidade vem-nos de cima. E' a gente da lei, da ordem, do governo, que nos incita á propaganda clandestina—decerto para que ela mereça melhor, se vier a partir de baixo, as indignações officiais e os coriscos da "justiça".

E que é que nos diz, clandestinamente, ilegalmente, o governamental anónimo?

Que havia ele de dizer!? A vontade sob a capa do anonimato, reedita as já sedições calúnias biológicas sobre os militantes operarios, os seus instintos e a sua ação. E o mais chistoso da historia é afirmar ele que os mesmos—vendo-os toda a gente embora de cara e peito descobertos—são "cria-

turas que chegam não sabemos donde, nem quem são, a falar-nos em doutrinas que desconhecemos..." (pois por isso mesmo, ó biológico!) O "camarada e amigo" que faz estas insinuações é, pelo contrario, bem conhecido, apesar da máscara...

No meio das insidias e suspeições, condimentadas com citações fora de proposito ou mesmo contrarias aos fins do manifesto, serve-nos o nosso anonimo os seus pobres e biológicos argumentos.

Primeiro, a obra da Republica, ou mais ezatamente, a do sr. Afonso Costa e do seu partido... Cita varias leis, leiszinhas e regulamentos em favor do "povo", da liberdade e de mais partes. Imagine-se que até "foram reduzidos a menos de metade os contribuintes da nação, tendo sido os ricos obrigados a pagar pelos pobres..." Grande áfrica! Em geral, são os ricos que teem o incomodo de pagar ou mandar pagar pelos criados as contribuições "á boca do cofre" e de mandar comprar os selos. Ao pobre, basta-lhe pagar os impostos, pelo dobro ou mais, ao proprietario, ao senhorio, ao negociante ou ao patrão ou deixar que lhe sejam deduzidos

no salario. Os impostos é o produtor pobre que os paga todos indiretamente, e tanto mais depressa e largamente quanto mais meios e propriedades possui o rico de quem o Estado recebe as contribuições. Portanto, o que mais interessaria o povo não é bem a redução do numero dos contribuintes, mas sim a diminuição sensível do total de todas as contribuições, que saem sempre do trabalho. E isto nunca o fará o Estado; a burocracia e o parasitismo official teem uma tendencia invencível a desenvolver-se. "A capacidade tributaria do povo português—asseveram os nossos bons politicos—ainda não está esgotada."

Oh! sim, a Republica trouxe algumas vantajens,—especialmente lições de coisas, salutar esperiencia, definição de situações, uteis desenganos sobre a eficacia e alcance da democracia burguesa, sobre o valor e o poder das leis e dos politicos. Só faltava que um rejime, saído do apoio popular, estrumado com promessas de liberdades, desabrochado com uma revolução, precisando de firmar-se na opinião do povo, não tivesse procurado dar a esse povo algumas satisfações, ao menos morais e intellectuais, ao menos... legais!

Mas as liberdades e direitos decretados aproveitaram quasi só ás classes médias, á burguesia liberal e intellectual; e quem

mais agradecida pode estar é a pequena burguesia, unica capaz de tirar partido das reformas legais democraticas, tributarias ou outras. Quanto ao povo trabalhador, que lucrou ele *de facto*? Direitos e liberdades no papel, mas na realidade violados e espezinhados a cada passo; leis e decretos de curto alcance que são sofisticados, ou que não teem applicação em favor do pobre, ou só terão a que a organização e a ação direta dos interessados puderem obter: regulamentos vexatorios e embaraçadores, como o das grèves, armadilha legal que o proprio *Mundo* classificou de "draconiana", mas que o governo atual applica. Porventura melhorou a situação económica do trabalhador?

"Que queriam eles que a Republica fizesse mais?" pergunta o manifesto anonimo e clandestino.

Por nossa parte, nada! Pedir peras ao olmo nunca esteve no nosso feitio. Acaço esperámos da Republica, acaso perdámos a um rejime burguês a emancipação e a salvação do povo? Seria pensar ezatamente o contrario do que pensamos. O anonimo bem o sabe, mas joga com o equivoco. A Republica não pode nem poderá fazer mais.

E é precisamente esse o grande fundamento do sindicalismo operario e da ação direta de classe. As proprias me-

didas e o reconhecimento de direitos que dependem do poder político da burguesia tem a sua garantia única de realização e estabilidade na ação e organização dos interessados. E' o mesmo anonimato que o reconhece... biologicamente, pondo no alto do manifesto este trecho duma moção votada em 1903 no congresso sindical de Marselha: "A pressão exterior dos operários deve exercer-se sobre o governo para obter medidas uteis á libertação económica dos trabalhadores." E' uma das aplicações da ação direta.

E quem te disse, santo anónimo, que os sindicalistas e os anarquistas querem *para já*, de golpe, como nas majicas a revolução social?

A qual deles ouviste tu esperar que esse "mundo de revolta que se não realizou ainda na Terra", "esse mundo de perturbações principie por nós"? Perturbações e revoltas, lá entre os vossos, já cá as temos, com efeito, mas a revolução social não é um golpe de Estado, nem uma aventura de 27 de abril, nem um 5 de outubro, nem mesmo uma greve geral corporativa. A revolução social não é um golpe de mão, nem desce do céu governamental em decretos com força de lei, nem se prepara apenas com comícios e carbonárias. E Portugal, país pobre, socialmente atrasado, sem indústrias desenvolvidas, onde os trabalhadores mal começam a organizar-se e a tomar consciência da sua situação, não está precisamente indicado para dar o grande exemplo e o sinal de partida...

O que os sindicalistas querem é apenas que os trabalhadores tomem nas suas mãos a defesa dos seus interesses, cuidem eles mesmos da sua própria emancipação, apartando-se cuidadosamente dos que tem interesses opostos aos deles e dos que querem aproveitar-se deles para trepar. Peçam muito ou pouco, empreguem maior ou menor energia nas suas reclamações, sejam violentos ou pacíficos, o principal é que sejam eles mesmos, que se dirijam a si próprios, que façam uma escolha consciente de todas as ideias que surjam do meio deles ou lhes venham de fóra.

E' isto o que o povo trabalhador principia a compreender, e é isto que nós, os anarquistas, — não sendo nem querendo ser chefes nem directores, — saudamos e aplaudimos com entusiasmo, embora reconheçamos que a nossa contribuição para esse resultado, para esse estado de espirito, é bem inferior á influencia dos factos e á dos desenganos que vós próprios, ó políticos, exercéis. Saudamo-lo e aplaudimo-lo, — ainda que os trabalhadores pretendam agora pouco e não aceitem os nossos fins, nem

mesmo todos os nossos métodos, — porque queremos que o povo se emancipe a si próprio e abandone os messias, e esperamos que êle, metendo por esse caminho, criando espirito de independencia, exercitando-se na ação, educando-se, desenvolvendo a sua força material e moral, venha a ter poder, vontade e capacidade para abolir as classes, tomar conta da produção e reorganizar a vida social no interesse de todos, sem patronato e sem Estado.

Tu nada disso queres, bom anónimo; mas como as ideias deturpadas são as mais fáceis de combater, desfiguradas horrivelmente ideais e intuitos. O que tu queres é que o povo fôsse um rebanho obediente de carneiros eleitorais. As leis existentes, no que tem de favorável aos pobres, são sofismadas e violadas; mas tu queres mais. As autoridades tem mostrado a sua parcialidade natural em favor dos patrões e proprietários, contra os grevistas, contra os militantes operários, contra os pobres; mas tu queres que "as ponhamos ao nosso serviço"...

E atinjes o sumo cómico quando escreves que os "patrões nada podem e nada valem já perante as leis da Republica!" Pobres patrões! o vosso reino é passado!... Em vão vos disse há pouco, no parlamento, o biológico ministro que os ricos, os proprietários deviam ter inteira confiança na Republica, pois que ela lhes saberá defender os direitos!...

Cautela, trabalhadores! Referindo-se aos sindicalistas, o anónimo escreve: "Detrás deles estão ocultos os nossos maiores inimigos. Nós não os vemos, porque estão na sombra. Mas tenham a certeza de que estão lá." No manifesto, é o próprio autor que está na sombra; mas a sombra é transparente e o vosso inimigo, o inimigo da vossa classe, mostra-se desastrosamente a vós, trabalhadores!

E por isso fechamos como abre o manifesto clandestino — com esta advertência de S. Paulo: — Olhai; não vos deixeis enganar.

DO NATURAL

Era alto e magro, muito simpático. Tinha apenas vinte anos e contava já não sei quantas prisões por furto...

Consegui falar-lhe, um dia, na cadeia. Estava deitado sobre a sua misera tarimba, de ventre para o ar e pernas cruzadas, indolentemente, assobiando o fado...

Ofereci-lhe um cigarro. Ele teve um sorriso agradecido. Fulguravam de satisfação os seus olhos negros e doces: — «Dêsd'ontem que não fumo, imagine! Obrigadinho!»

Riscou um fosforo e acendeu o cigarro. E, em seguida, saboreando, voluptuosamente, uma grande fumaça:

— «Eu cá sou assim... Antes quero passar sem comer do que sem fumar... Raio de vicio!»

E sorria, prazenteiro e feliz... Conversamos.

Quando ele acabou de contar a sua

nha sinceridade, porque se não deixaria historia, perguntei-lhe, com toda a minha, para sempre, daquela triste existencia de crime, passando a trabalhar em qualquer mister...

Olhou-me com surpresa, ficsamente. Depois, indicando-se:

— «Trabalhar, eu?! Nada! Isso é bom para os tolos!»

E soltou uma gargalhada escarninhada.

Distanciou-se de mim alguns passos, rodou sobre si mesmo e segredou-me, serio, rapidamente:

— Senão diga-me: que mais vale? Roubar ou ser roubado?

JOSÉ BACEIAR.

Factos e comentarios

Comer a isca e...

Os republicanos, principalmente os do partido que está no poder, andam levados do diabo com o empalmanço do comício de domingo, pelos socialistas, sindicalistas e libertarios. Acha-mos-lhes razão. Realmente é para os «pescadores» darem á casca quando os peixes lhes comem a isca e dizem adeus ao anzol. E foi o que sucedeu.

Os democraticos fizéram um comício para dar pretexto ao governo a fazer uma leisinha em que, como em todas as leis, num artigo se proibisse aos senhorios aumentar as rendas por um prazo de 1 ou 2 anos, quando muito, salvo quando... e nesta ultima a lei enumeraria varios casos em que o aumento seria permitido... que afinal de contas seria em todos os casos.

Era mais uma mancha de areia aos olhos do Zé Lôrpa, que serviria para elevar a popularidade e o prestígio do sr. Afonso Costa, que estão um pouco em baixo.

Para isso, as juntas de paróquia gastaram tempo e dinheiro em distribuição de milhares de manifestos e na aficção de centenas de cartazes chamando o povo ao comício, e vai daí os operários aproveitaram-se do público, reunido por elas e com o dinheiro e trabalho delas e... zás, fazem elles o comício. E' realmente para se ficar fúlo, concordamos Mas, no que não têm razão é quando censuram e insultam os socialistas, os sindicalistas e os libertarios por esse facto, e quando dizem que estes estragaram o comício desvirtuando-o, indo tratar do encerramento da Casa Sindical e das perseguições aos operários em vez do aumento das rendas das casas que era o seu objecto. E não tem razão porque: 1.º — os socialistas, sindicalistas e anarquistas fizeram o mesmo que os republicanos fizeram a alguns comícios monarchicos, empalmando-os e servindo-se do publico por aqueles reunido para fazerem a sua propaganda, no que andaram muito inteligentemente;

2.º — porque tendo os operários pretendido já por varias vezes fazer comícios para protestar contra as prisões dos seus camaradas e os atentados á liberdade de associação e de imprensa e não lhes tendo sido permitidos pela autoridade, seriam absolutamente tolos e idiotas se não aproveitassem aquella ocasião oportuna para fazer o seu protesto;

3.º — porque a culpa do empalmanço deve-se atribuir principalmente á ausencia dos parlamentares e republicanos em evidencia convidados para falarem no comício os quais deixaram assim bem claramente provado que não queriam cair no desagrado dos proprietarios;

4.º — porque sendo os republicanos uzeiros e vezeiros em tratar de assuntos que nada tem com o fim das reuniões para que convocam o publico e em tomar como pretexto qualquer questão para fazerem propaganda das suas ideias, não tem o direito de censurar os que usam dos mesmos processos.

5.º porque nem por os operários terem ventilado a questão do encerramento da Casa Sindical e protestado

contra a perseguição feita á imprensa, no comício se deixou de tratar do aumento das rendas de casas advogando todos os oradores a formal recusa dos inquilinos ao pagamento do aumento da renda e em ultimo caso a greve geral destes, como unico meio de pôr um dique á ganancia desenfreada dos senhorios.

Não, senhores republicanos! Os trabalhadores não escangalharam o comício. O que eles escangalharam foi o vosso *arranjinho*. Mas tenham paciencia. Para outra vez sejam mais inteligentes ou se não possuem essa qualidade sejam então mais brutos: — façam uso do chanfallo da policia ou das espingardas da municipal — unico argumento convincente que conhecem e de cujo emprego tanta gala fazem.

E viva a *liberdade*, a igualdade e mai'la *fraternidade*!

Enquanto é tempo...

Continúa, á custa dos que trabalham e morrem de fome, a real frescata internacional. Afonso XIII, de Espanha, foi, ha dias, como é sabido, visitar o seu democratico colega Poincaré, de França. Agora, é Nicolau II, da Russia, que vai a Berlim cumprir o seu presado mano Guilherme, da Alemanha e já se anunciou para breve o encontro, em S. Petersburgo, do rei Jorje, de Inglaterra, com o supracitado Nicolau.

Vão gosando — enquanto é tempo. Porque tudo, neste mundo, tem o seu fim...

Coerencia

Uma papeleta que se intitula órgão do partido democratico da Figueira, diz, no seu ultimo numero, falando do nosso novissimo Marquez de Pombal:

«Não agrada a sua attitude de intransigencia e honesta coerencia aos inimigos da República e por isso o agridem.»

Muito intransigente e muito coerente, sim, senhor. Mas, sobre tudo, muito coerente. Liberdade de imprensa, de reunião, de associação, tudo isso nos prometeu s. ex.^a para quando viesse a Republica. E cumpriu-o — conforme o atestam, ezuberante, irrefutavelmente, a censura previa á imprensa, a proibição de diversas reuniões operarias e, ainda, recentemente o encerramento da Casa Sindical.

Tem razão o articulista. Não se pode ser mais coerente.

Natural

Lemos em *Le Temps*, folha governamental franceza:

«Todos sabemos já que a juventude franceza se afasta cada vez mais da carreira das armas. Ha uma crise, uma crise muito seria, muito inquietante, no recrutamento dos nossos officiaes.»

E' natural que todos os moços de intelligencia e de coração se afastem, cada vez mais, da escola da perversão e do crime, conhecida pelo nome de caserna.

O contrario é que seria para admirar.

Um canalha

Certo deputado que faz parte das hostes jaimistas ocupou-se, ha dias, segundo informa *El Socialista*, em injuriar sem piedade nem misericordia a memoria de Ferrer — o fuzilado de Montjuich.

Criminoso, ignorante e cobarde lhe chamou, entre outras coisas, o insigne canalha. Os ouvintes, — Maura, alguns insecuados de batina e meia duzia de rameiras de sacristia, — aplaudiram, é claro.

Mas... que pode merecer um canalha que assim injuria um morto — que tem a prantea-lo todos os homens de intelligencia e de coração?

A ganancia dos senhorios e o protesto dos inquilinos

Os comicios de Lisboa e Almada

Nestes tempos em que a vida está cada vez mais difícil com o elevadíssimo preço dos generos de primeira necessidade e com a dificuldade que ha em conseguir habitação, qualquer movimento de carater economico havia fatalmente de chamar as atenções de muita gente, de congraçar muita enerjia, de reunir muita vontade dispersa.

Foi o que aconteceu com o protesto contra o aumento das rendas das casas. Não bastando ainda aos senhorios a maneira como constroem os seus predios, empregando os piores materiais, não lhes dando as necessarias condições de segurança e de hijiene; não lhes bastando o sugarem ferozmente as enerjias dos operarios; não sendo para eles suficientes todas estas formas de espoliação e de roubo, a sua sordida ganancia tem ido ao ponto de elevarem constantemente as já bem altas rendas de casas e de ameaçarem com novos aumentos — a pretêsto da contribuição predial que sobre eles recai.

No espirito da massa popular estava, portanto, naturalmente, o erguer-se contra essa infamia como contra a carestia da vida em todas as suas formas. Já mesmo entre o operariado consciente se esboçara, havia pouco, esse movimento — movimento que em breve seria levado a efeito, mais ou menos por todo o país, e que assim será, certamente.

Não podia, pois, todo aquele que tomasse a seu cargo levar á pratica um tal protesto, encontrar melhor terreno, atmosfera mais propicia.

Daí, a extraordinaria, a formidável concorrência que teve o comicio realizado no domingo procimo passado na Rotunda da Avenida, esse comicio que as comissões municipal e parquiais — inspiradas pelo governo e por ele abertamente protegidas — promoveram e apregoaram durante uns poucos de dias.

Apelaram para o povo. E o povo ocorreu pressurosamente a tratar dos seus interesses.

Grande e belo comicio o de domingo! Tão grande, tão numeroso, que muita gente, que conserva ainda de memoria os comicios republicanos do tempo da monarchia, diz que nenhum houve nesse tempo maior que este de agora.

Mas, se a tremenda concorrência foi imensamente animadora para nós, a forma por que a massa popular se comportou durante essas esplendidas trez a quatro horas, deixou-nos uma alegria imensa e animou-nos a caminhar com mais decizão nesta espinhosa estrada que trilhamos e a olhar com maior en-

tusiasmo o futuro que conquistará a Humanidade, que ela tem bem iluminado na sua frente.

Esse comicio foi uma pedra de toque. Se alguém tinha ilusões a respeito do povo de Lisboa — ou pelo menos duma grande parte desse povo; se se pensava que ele podia ser manejado por alguém e levado como uma criança sem vontade; se se julgava que ele continuava á mercê de quaisquer sugestões e a poder ser levado cegamente, como antes da delusão republicana, em qualquer sentido para quaisquer fins inconfessos; se alguém julgava isto, teve no domingo a mais elocuente e formidável demonstração em contrario.

O povo de Lisboa começa a ver e a ver bem claro o que lhe convem. O povo começa a querer ser senhor dos seus atos e dos seus movimentos.

Acorreu ao comicio para *directamente* tratar da sua tão importante questão economica; mas, ezatamente porque essa questão é importante, ele lá foi para contribuir com a sua quota parte de opinião e para não se deixar seduzir por palavras vistosas nem arrastar por embusteiros sobejamente conhecidos, pelos politicantes charlatães de qualquer casta.

Não vamos, por falta de espaço, fazer aqui um relato completo do que foi esse comicio.

Salientaremos apenas algumas notas.

Poderemos dividir os oradores em tres grupos: oradores que não foram escutados, que falaram sempre, sem se lhes ouvir uma unica palavra, no meio do mais ensurdecedor ruído da multidão; oradores que foram interrompidos com apartes e com algumas manifestações de desagrado; e oradores que foram escutados num profundo silencio, sendo algumas das passagens dos seus discursos sublinhadas com tremendas salvas de palmas e com delirantes aplausos.

Entre os primeiros, e como ezeemplo tipico, encontra-se o deputado Sá Pereira que foi *corrido* em toda a linha. Foi uma coisa notavel! A multidão conhece-o...

No segundo grupo... varios...

No terceiro, o dr. Costa Junior (socialista) e o sr. Faustino da Fonseca (republicano); Campos Lima, Jaime de Castro e Sobral de Campos (socialistas-anarquistas); J. Oliveira e outros (sindicalistas).

Mas, se os dois primeiros varias coisas disseram acertadas e se mereceram pelas suas censuras asperas ao actual regime e pela sua transparen-

te sinceridade fartos aplausos, quem positivamente foi escutado com maior silencio e aplaudido com maior veemencia foram os nossos camaradas que ali foram pôr a questão no devido pé. Sim, não foi por eles, não foi pelas suas pessoas — embora sejam homens honestos, estudiosos, duma incontestável coerencia e dum incontestável desinteresse. Foi porque souberam interpretar o sentir e pensar da multidão, as suas necessidades e os seus desejos, porque souberam marcar o caminho que o povo quer seguir na situação presente.

O nosso camarada de redacção Sobral de Campos leu a seguinte moção:

«Considerando que o povo de Lisboa, reunido em comicio publico para protestar contra o aumento das rendas das casas, não pôde nem deve pagar esse aumento quando até era justo que as rendas fossem diminuidas neste periodo economico difícil;

Considerando que as comissões parquiais republicanas tomaram a iniciativa deste necessario e forte movimento para que o povo *directamente* assim vá influir junto dos poderes constituídos;

Considerando que as mesmas comissões, procedendo desta forma, implicitamente reconheceram que o povo continúa a ser o que mais sofre a escravidão economica e aquele que mais pode empenhar esforços nesta acção, indo assim com os seus esforços e enerjias beneficiar a quasi totalidade da população de Lisboa;

Mas considerando que ao povo trabalhador tem sido coartadas todas as garantias, todos os direitos de associação, de reunião e de pensamento ezarados na lei fundamental do país;

Considerando ainda que o povo trabalhador, prec samente aquele que mais é sobrecarregado, tem as suas associações fechadas e muitos dos seus melhores elementos encerrados nas prisões;

Considerando finalmente que sem essas associações reabririam e sem serem postos em liberdade esses honestos operarios arbitrariamente presos, a classe trabalhadora não terá a tranquillidade de espirito nem as condições necessarias para se pôr ao lado das comissões parquiais e fazer triunfar para *todos* a questão das casas.

O povo de Lisboa reunido em comicio publico para protestar contra o aumento das rendas das casas resolve:

1.º Protestar contra o encerramento da Casa Sindical e contra as prisões de operarios arbitrariamente feitas e mantidas sem culpa formada durante meses.

2.º Envidar todos os esforços para que se garantam convenientemente os direitos de reunião, associação e pensamento consignados na Constituição.

(aa) Alexandre Sobral de Campos, advogado; Jaime de Castro, farmacêutico.

Foi um delirio. Toda aquela onda humana se ergueu em aplausos vibrantes.

Falaram depois varios camaradas do movimento operario com a sua critica justa e insistindo na liberdade de reunião e associação.

O sr. Agostinho Fortes — presidente da mesa — poz a aprovação uma proposta sua, procurando «escamotear» a moção acima transcrita.

Mas o povo insistiu e o camarada Jaime de Castro voltou a lê-la sendo então posta á vota-

ção. A moção dos nossos camaradas foi aprovada por aclamação.

Pouco depois o comicio dissolveu-se, descendo a Avenida uma enorme massa trabalhadora acenando com lenços e entoando entusiasticamente «A Internacional» e que depois se dirigiu ao Limoeiro a saudar os camaradas presos.

Grande manifestação proletaria a de domingo ultimo!

*

Tambem em Almada se realizou no mesmo dia um grande comicio com o mesmo fim.

Entre outros oradores falou Bartolomeu Constantino em nome da Federação Anarquista da Rejião do Sul, que apresentou uma moção, que terminava desta forma:

... Resolve:

1.º aceitar a grêve do inquilinato e lembrar á comissão promotora do comicio que continue na propaganda, para que esta idéa se ponha em pratica o mais breve possivel; 2.º que, declarada a grêve, ninguém pague os aumentos até que os municipios resolvam o problema da habitação barata; 3.º, pedir aos inquilinos que se comprometam a não sair das casas, nem com mandados de despejo; 4.º, aconselhar as massas proletarias a organizarem-se para de futuro conquistarem a posse da terra e dos instrumentos de trabalho, constituindo a sociedade comunista, unica forma de acabar com a miseria e a exploração.

O que os mestres nos teem ensinado

Falam os politicos

Capitalitas, politicos de profissão, bravos militares e majistrados intejerrimos, autoridades indiscutíveis e industriais rotineiros, tudo isto constitue o espirito conservador. — *Teofilo Braga*.

... Temos na capital os ministros que enriquecem no governo para dissiparem na opposição; fermenta ainda a grande multidão dos ociosos a quem os governos protejem. E sabeis á custa de quem vive essa lejião? A' custa do Povo.

Afinal nós é que somos os parvos. Porque diabo não abrir os olhos e tratar das nossas coisas, cada um das suas e todos de todas? — *Tomás da Fonseca* (Revista Nova n.º VI).

— Os povos modernos não teem nas suas reivindicações contra as tiranias dos poderes publicos que despõem da força armada, outro recurso senão as grêves. — *«Novidades»* (de 25 de maio de 1907).

— Não somos contra a greve. E' um direito respeitado hoje em todos os países cultos. As massas trabalhadoras precisam de defender-se da opressão capitalista e não teem, a bem dizer, outra arma de que lançar mão. — *(O Seculo, de 1 de fevereiro de 1912)*.

Italia Vitaliani

Desde o dia 15 que se encontra entre nós esta genial atriz que, no dizer duma outra imminente artista italiana, é a maior do mundo.

Duas coisas lamentamos: que ela não tenha escolhido melhor repertorio quando no teatro italiano e no teatro do norte (Ibsen por ezeemplo) se encontram tantas peças admiráveis e educativas a que o seu genio dava maior valor ainda; que o publico não fosse ouvi-la, sentir com ela e aplaudi-la nas recitas inolvidáveis que nos tem dado no teatro da Republica.

Hoje é o ultimo espetaculo, a sua despedida nesta epoca.

Faremos votos por que ela volte breve e com melhor repertorio.

Bibliografia anarquista portuguesa

A exposição de todas as publicações libertárias editadas em português,

Livros e folhetos originais ou traduções; jornais, revistas e manifestos publicados livre ou clandestinamente; bilhetes postais, estampas, desenhos, hinos e canções, cartazes, programas, reclames, tudo se aceita por empréstimo e se agradece.

promovida pela
Terra Livre,
está despertando
o maior interesse

De todos os camaradas de Portugal e Brasil e de todos que possuam elementos interessantes que possam figurar nesta exposição, esperamos que cooperem nesta nossa iniciativa.

Tudo quanto a este assunto se refira, derijir a Afonso Manaças — Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisboa.

Está despertando vivo interesse entre todos os camaradas a exposição da bibliografia anarquista portuguesa que, dentro em breve, será levada a efeito pela redação da *Terra Livre*.

Todos são concordes em elogiar a nossa iniciativa, considerando-a, sob todos os pontos de vista, como um ótimo meio de propaganda dos nossos ideais.

De facto, ela virá demonstrar, de um modo iniludível, a importância atinjada pelo movimento anarquista português. Para convencer certos incredulos, nada ha de melhor do que os factos.

Satisfeitos, pois, nos sentimos pela maneira como os camaradas acolheram a nossa ideia. Com o seu concurso — com o concurso de todos os que vimos lutando pelo desenvolvimento do Ideal querido — a exposição que vamos intentar revestirá, por certo, o maior brilho. De resto, deve ser esse o empenho de todo o bom companheiro, de todos, enfim, que amam e propagam e defendem sinceramente a Anarquia. Preciso se torna demonstrar a ignorantes e burgueses o que somos e o que valemos. Tem os primeiros a falsa opinião de que não passamos duns feroces inimigos do bem-estar dos ricos, dum tetrico bando de inadaptados á vida presente, que apenas sonha, para o conseguimento dos seus fins, com punhais embebidos em peitos de reis e de burgueses, com palacios de poderosos ruindo entre as chamas do incendio e o terrifico estrondar da dinamite. Propalam os burgueses o mesmo, acrescentando que as nossas ideias não tem a menor base científica e que, portanto, apenas constituimos uma horda de perigosos utopistas.

Pois bem: esta exposição provará a uns e a outros que nada somos do que pensam: que, muito pelo contrario, temos e ensinamos o maximo respeito pela inviolabilidade da vida humana, estando os nossos ideais completa e absolutamente conformes com a ciência.

Lendo e estudando os bons autores que nessa exposição hão de figurar, todos terão enseo de verificar quanto tem sido injustos para conosco, os anarquistas. Ali terão, tam-

bem, todos os estudiosos ocasião de conhecer, a par dos cultos espiritos que em Portugal á propaganda do anarquismo se tem dedicado, as mais altas figuras do anarquismo contemporaneo, sociologos, filosofos e cientistas admirados em toda a Europa e cuja obra encerra todo um vasto e deslumbrante material de renovação moral e societaria.

Dito isto, com a boa vontade de todos ficamos contando porque o êxito da nossa iniciativa apenas depende, como é facil de compreender, do concurso que nos prestarem os nossos amigos e camaradas.

Mas, porque esse concurso representa um dever, por certo que nenhum companheiro possuidor de jornais, de livros, de folhetos ou de manifestos anarquistas, se ezimirá a cumpri-lo. A causa da Anarquia — que é a causa da Humanidade, — bem merece o auxilio de todos os que temos coração.

*

No nosso número passado, pediamos a toda a imprensa anarquista de Portugal, como a todos os jornais que nos quizessem auxiliar com o concurso da sua publicidade, qualquer referencia á nossa iniciativa. Até agora, correspondeu ao nosso pedido *O Intransigente* que, sobre a exposição bibliográfica anarquista, disse o seguinte:

O ultimo numero do semanario *Terra Livre* refere-se a uma exposição que pretende fazer de toda a bibliografia anarquista portuguesa, antiga e moderna, originais e versões.

A realizar-se, ha-de a exposição ter dois grandes méritos, em nosso avizo: o primeiro será o de mostrar a muita gente boa que não são apenas os esfarrapados, os *Joões Ninguens* da vida, que professam ideais avançados, mas muitos e muito valiosos artifices da arte, das ciencias e das letras, e que não é de agora mas de ha muito tempo que em Portugal existem «sonhadores» e «utopistas» da fé nova: o segundo será o de mostrar á leijão dos famintos de pão e sofregos de ideal que acima de sectarismos condenáveis se devem pôr luminosos principios de filosofia e humanismo, que antes e preferivelmente a atitudes de revolta incongruentes, se pôde e deve lançar mão de iniciativas que elevem, que superiorisem, que dignifiquem.

Bem haja a *Terra Livre*: assim é que deve ser feita a propaganda... consciente e definidamente orientada.

José Bacelar, no seu «Diário «Livre», que brilhantemente

mantém nas colunas de *O Socialista*, referiu-se assim á nossa iniciativa:

Terra Livre, o valente e bem conhecido semanario anarquista de Lisboa, anuncia nos seus ultimos numeros — escelentes, como os anteriores quer combativa, quer literariamente falando — uma interessante exposição de todas as publicações libertarias editadas até hoje em portuguez.

Vê-se que, felizmente, nem tudo está perdido nesta tão desgraçada terra portuguesa: ainda ha, entre nós, homens de boa vontade, inteligencias lucidas, almas generosas que muito acima sabem elevar-se de toda esta nojenta e mefítica montureira de baixos egoismos e de rasteiras aspirações...

Inquestionavelmente, essa exposição revestirá uma alta importancia. Ela demonstrará, de um modo irrefutavel, iniludível, a todos os que do facto duvidem — que as redentoras ideias anarquistas de ha muito são professadas e defendidas amorosamente em Portugal, que não são apenas os sem pão e sem tétó que tais ideias abraçam e propagam, mas, tambem, os mais valiosos representantes de todos os ramos da ciência, da filosofia e da arte. Tanto basta, pois, para que *Terra Livre* se torne merecedora dos maiores elojios pela sua iniciativa — cuja realização dará, aos que, sem distincção de escolas, vimos apostolisando um melhor futuro, alguns dias de supremo e perduravel prazer, — como todos os que são postos ao serviço da Liberdade, da Justiça e da Beleza.

CARESTIA DA VIDA

A questão do pão

III

Pelo que já aqui deixamos demonstrado, a tabela das farinhas reduzida áquelas proporções que enumeramos, embora não viesse resolver totalmente a questão do pão, vinha, pelo menos, baratea-lo alguma coisa.

Hoje diz o manipulador do pão que é impossivel com farinhas a 82, 90 e 100 réis fabricar pão por menos de 90 réis; mas se amanhã lhe apresentarem farinhas custando 60, 80 e 100 réis pode-se-lhe ezijir, sem pena, pão para 60, 70 e 90 réis fabricado respetivamente com as farinhas de 3.ª, 2.ª e 1.ª, porque tem marjem para isso. Dirão que as farinhas, especialmente a de 3.ª, só por si, não dão pão capaz.

E porque é que o não dão? Não o sabem? Pois isso está bem claro: 1.º porque tiram aos trigos maior percentajem das outras farinhas, o que vem prejudicar a farinha de 3.ª, que é acrescentada com rolão, que

a moagem já pouco estrae; e a 2.ª causa é porque de tudo fazem farinha, o que dá ocasião a que, muitas vezes, ninguem pôde tragar o pão, como aconteceu á *Cooperativa Popular* que perdeu uma fornada, e como tem acontecido a muitas outras padarias.

Mas isto é que não se evita facilmente. Não ha fiscalização capaz de pôr cobro aos abusos que se perpetram nas fabricas de moagem.

Já o dissemos: os que estão incumbidos dessa fiscalização como de tantas outras, são, com raras excessões, individuos que não pescam nada do artigo, nunca foram moleiros e ninguem lhes liga importancia quando penetram nas fabricas. Se pedem amostras é o moleiro que lhas vai tirar e tanto o fiscal sabe se leva amostras de farinha de 1.ª como se é de 3.ª. Leva o que lhes dão e do que dizem que dão.

A fiscalização em farinha só pode nascer do interior das padarias. E' o manipulador que não deve trabalhar com farinhas inferiores ao numero dado; mas para isso é necessario que ele esteja conscio dos seus conhecimentos no artigo, que seja de facto um padeiro. Era a associação ou sindicato que não devia consentir que cada padaria não fosse dirigida por um profissional, mas um verdadeiro profissional.

E' preciso produzir uma revolução no *sistema padeiral*? Pois produza-se essa revolução!

Essa gente se tem necessidades a satisfazer para fornecer ao publico pão fabricado com asseio e necessidades ainda doutra ordem, ponha-se de pé e ezija. Esplique ao povo o que lhes falta para o poderem bem servir e a nós todos compete, por nossa vez, ajuda-los nessas conquistas porque delas depende que nos seja vendido o bom pão e mais em conta.

J. C.

NOTA — No artigo do ultimo numero onde se lê «semeas quilos 25» deve ler-se «semeas quilos 23», e onde se lê «uma despeza ordinaria de 30\$000» deve ler-se «uma despeza ordinaria de 300\$000». O resto está certo.

EM SINES

AS «GEORJICAS» APREENDIDAS

A' ultima hora, chega-nos a noticia de que o nosso estimado agente em Sines acaba de ser vitima duma extraordinaria violencia por parte das respetivas autoridades. Tendo conestado ao administrador do concelho que ele tinha para vender alguns exemplares das *Georjicas*, do nosso camarada Neno Vasco, invadiu o mesmo, acompanhado de alguns dos seus acolitos, a residencia daquele nosso amigo, apreendendo os citados folhetos e ordenando a sua prisão, a qual não foi levada a efeito graças á pronta e enerjica intervenção dum punhado de dedicados camaradas.

No procimo numero daremos a esta nova e democratica prepotencia, a importancia que reclama.

A. GIRARD

Anarquia

SUA DEFINIÇÃO ETIMOLOGICA

Segundo a sua etimologia, a palavra *Anarquia* significa estado dum povo que não tem governo. Um prejuizo bastante desenvolvido, consistente em crer que um estado tal deve forçosamente enjendrar a revolta e a confusão nas relações sociais, tem feito com que comumente se adótsse a palavra *Anarquia*, como sinónimo de desordem. Assim, por exemplo, fála-se da anarquia feudal, sem ter em conta que jámais houve sociedade alguma tão longe da anarquia como aquêla rejime despótico e arbitrário que se chãma feudalismo. Este sentido de desórden e confusão não é, por conseguinte, senão um sentido derivado da verdadeira significação da palavra *Anarquia*. A Anarquia, em filozofia positiva, é a concção dum estado social em que o individuo, dono e soberano da sua pessoa, se desenvolveria livremente e no qual as relações sociais se restabeleceriam entre os membros da sociedade segundo as suas simpatias, as suas afeições e as suas necessidades sem constituição de autoridade politica. Numa palavra, a Anarquia é a negação do Estado, sôb qualquer fôrma que se apresente, substituído pela iniciativa individual exercendo-se diversamente e harmonicamente.

A doutrina preconizada pela Anarquia é o *Anarquismo*. Esta doutrina não é, de nenhum modo, uma concção de sonhadores. E', pelo contrário, a conclusão social da filosofia e de toda a ciência moderna que tem por objectivo o estudo do homem e da sociedade.

As bases do Anarquismo são ao mesmo tempo filosóficas, morais, políticas e económicas. O homem, considerado como um ser vivente, tem necessidades, e o alvo da sua vida é a satisfação dessas necessidades. Daqui resulta, pois, para êle, um direito a exercêr todas as suas faculdades, posto que o exercicio destas faculdades não tem outro fim que não seja a satisfação das suas necessidades e, consequentemente, o desenvolvimento normal e integral do individuo.

Por outro lado, o estado da sociedade, anterior ao homem, visto que já ezistia entre os animais que o precederam na cadeia evolutiva dos seres, fêz nascêr nêle necessidades para cuja satisfação lhe é indispensavel o concurso dos seus semelhantes. Encontra-se em convívio quasi constante com êles. Destas relações deriva uma troca de influências diversas que constituem e modificam o fun-

do moral da humanidade. Demais, nestas relações, cada individuo manifesta um direito igual ao seu desenvolvimento integral e normal. Dêste equilibrio entre os direitos de cada um depende a harmonia social.

A autoridade rompe êste equilibrio; éla é a usurpação efetuada por um ou vários membros da sociedade sôbre os direitos dos restantes no funcionamento integral da sua individualidade. A autoridade é, por conseguinte, uma violação do imprescritível direito de cada um; éla determina forçosamente, pelos obstáculos que traz ao desenvolvimento do individuo, uma melhoria da sua individualidade, prejudicando-a e prejudicando ao mesmo tempo a sociedade, ao diminuir o número ou o valôr dos serviços que o individuo é suscetível de prestar-lhe. O anarquismo entende que a ordem, a harmonia na sociedade, assim como a felicidade do individuo, estão em contradição com o exercicio duma autoridade, seja éla qual fôr.

Tem-se procurado opôr a esta conclusão que a autoridade é necessária para reprimir os instintos anti-sociais dalguns homens e prevenir os eventuais atentados contra os direitos de cada um. Esta convicção da necessidade duma autoridade repressiva procede duma investigação insufficiente ou irrónia das causas dos instintos anti-sociais e das violações do direito que se propõe prevenir.

Ao chegarmos aqui, prendêmo-nos com as bases sociais do anarquismo. O homem, tanto sôb o ponto de vista moral, como sôb o ponto de vista fisico, é o produto do meio em que vive. Assim como que as suas fôrças físicas atuais e o conjunto da sua organização fisiológica presente são o resultado duma série de influências inumeráveis e de tódo o género, atuando na evolução dos seres que precederam o homem sôbre a terra e na evolução da sua propria espécie, assim também a mentalidade, as noções intellectuais e morais obtidas são o fruto de tódas as influências naturais, sociais ou individuais que em tódo o tempo se têm produzido, imprimindo á evolução moral a direção seguida.

O ser, considerado individualmente, traz ao nascêr disposições psíquicas, cujo conjunto não é mais do que a resultante de influências atávicas e hereditárias que antes dêle se exercem. Do meio em que êle crescêr, dependerá a naturêza e o carácter dos seus atos. A educação,

o temperamento, a hereditariedade, as influências naturais e as influências sociais os determinaram. Relativamente aos atos anti-sociais que se pretende não podêr evitar-se sem a instituição dum sistema de autoridade repressiva, o Anarquismo demonstra que são o resultado da organização social baseada sôbre a desigualdade de condições. O roubo, o assassinio que tem por móbil o roubo ou a exploração, os atentados contra as pessoas e contra os seus bens, têm a sua causa na viciosa organização social que colóca um grande número de individuos na impossibilidade de satisfazer todas as suas necessidades.

Quando o impulso do temperamento é demasiado forte, quando a necessidade é demasiado imperiosa, succede que o individuo infrinje as leis artificiais feitas para consagrar as injustiças da organização social. E', então, quando comête um dêstes atos classificados de anti-sociais, e cuja verdadeira causa reside na situação opressiva criada pela sociedade. Numa sociedade em que cada individuo tivêsse a faculdade de se desenvolvêr livre e integralmente, compreende-se que êstes atos não se poderiam comêter, dada a auzencia dos motivos que hoje os determinam. De resto, tódos os meios repressivos são absolutamente insufficientes para os impedir.

Os juriconsultos modernos já assim o não compreendem. O temôr ao castigo não entra absolutamente para nada na abstenção do homem honrado a praticar atos anti-sociais, e de nenhum modo detém o criminoso impulsionado ao crime pelo seu temperamento ou interesse.

E' necessário insistir nesta verdade: a moralidade do homem depende exclusivamente das condições do meio da hereditariedade e da educação, nas quais se encontra ou encontrou colocado. O homem que infrinje as leis penais crê sempre, se nisso pensa, que poderá subtraír-se ás consequências legais do seu ato. Comête o ato anti-social porque a sua vontade é insufficiente para reprimir o móbil que o impulsiona a comête-lo e a própria insuficiencia da sua vontade é devida á educação recebida, ao meio frequentado, e, amiudadas vêzes, a um vício orgânico hereditário. As leis mais draconianas não conseguiram jámais evitar os crimes e os delítos. A sua impotência é a sua melhor condenação. Assim, pois, se a au-

toridade, da qual pensam esuzar, com a necessidade, a usurpação que éla constitue do direito das gêntes, é impotente para cumprir a sua pretendida missão.

A concção anarquista dum estado social em que a ordem resultaria das livres relações dos individuos, não será, por conseguinte, a mais lójica, a única razoável? Por isto a moral anarquista tem por base o desenvolvimento da vontade individual, já que só pela vontade o homem chega a dirigir-se e a libertar-se por si mesmo da necessidade duma direção exterior.

Sôbre o ponto de vista económico, tódos os anarquistas estão de acôrdo com que a supressão do Estado, que consideram como uma organização inútil e danosa, opressiva e anuladora de iniciativa individual. As mesmas funções desempenhadas pelo Estado podem sêr desempenhadas por iniciativa particular. Dêste modo se conseguiria uma grande economia de fôrças, devolvendo á produção uma multidão de seres, hoje improdutos e desembarçada a sociedade da parte que se estráia para satisfazer as despesas da precção de impostos. De resto, sendo a liberdade de cada um a resultante da supressão do Estado, favoreceria grandemente o desenvolvimento da iniciativa individual e por conseguinte o aperfeiçoamento sucessivo dos métodos produtivos. O partido anarquista divide-se em duas frações principais: anarquistas-comunistas e anarquistas individualistas. As teorias anarquistas têm no passado raízes muito profundas. Fôram formuladas fragmentariamente em épocas diversas, porém dum modo muito vago e sem nenhuma coêsão. Os anabatistas do século XVI, certos puritanos ingleses no XVII, os usnistas, etc., formularam reivindicações que tinham alguma relação com certos aspetos de anarquismo. No século XVIII, o cura Meslier fêz uma crítica da sociedade que muitos revolucionários modernos não deixariam de aprovar seguramente. J. J. Rousseau preconizou o estado natural, que nenhuma relação tem com a anarquismo, mas no seu *Emílio*, apresenta um plano dum sistema de educação, em que sem dúvida se inspirará a futura sociedade anarquista. E' necessário citar, durante a revolução, como precursores dos anarquistas, os rebertistas e babouvistas. Mais tarde Proudhon, primeiro, e lógo Pelle-

garrigue e Dejacques, formularam a teoria e deram a palavra *anarquia* a sua verdadeira acção, tirada da sua etimologia, provando que, em lugar de ser uma causa de desordem e confusão, a anarquia é o fundamento da ordem social. Depois veio Bakounine, que imprimiu ao anarquismo um carácter revolucionário e violento que antes não tinha. Em 1872, Bakounine separou-se do socialista Karl Marx e fundou a *Federação do Jura*. A partir de 1878 é quando se torna mais aguda a luta entre os anarquistas e a autoridade.

Citaremos como sucessos importantes desta luta a explosão do teatro Bellecour, em Lião (1882); a *Mão Negra* em Espanha (1882); a greve e a explosão em Chicago (1886); o assassinato cometido pelo governo norte-americano dos quatro anarquistas falsamente acusados — depois reconhecidos inocentes — da dita explosão (1887). A partir desta época a imprensa e a literatura anarquista tomaram um grande incremento. Em 1892, varias explosões, processo e execução de Revachol; em 1893 celebrou-se um Congresso anarquista em Chicago, dando se o atentado de Vaillant; em 1894, atentados de Emilia Henri e de Caserio (morte de Carnot); o Governo francês promulgou leis draconianas contra os anarquistas, conhecidos pelo nome de *leis celeradas*, sendo em seguida imitado por outros governos; processo dos *Trinta*, em que se procurou juntar sob uma mesma acusação gatunos vulgares com conhecidos escritores anarquistas, na mira de os desacreditar.

Em Espanha a luta começou bastante viva. Em 1891 estalou a insurreição do Jerez, seguida da execução de quatro operários. Mais tarde, produziu-se o atentado de Pallás contra o general Martinez Campos. Pouco depois de Pallás ser fuzilado, foi lançada uma bomba sobre a plateia do teatro Liceo por Santiago Salvador. Foram fuzilados em seguida oito inocentes como cúmplices de Pallás e, imediatamente, executado Salvador. Em 7 de junho de 1896 foi lançada uma bomba durante a passagem duma procissão. O autor ficou desconhecido, porém no seu lugar foram fuzilados cinco inocentes depois de terem sido horrivelmente torturados. Muitos outros foram condenados a presidio, sendo mais tarde postos em liberdade sob a pressão internacional do publico indignado contra este despertar da Inquisição.

O anarquismo possui toda uma vasta e riquíssima literatura que compreende obras de filosofia, de economia, de moral, literarias e poeticas.

Os principais escritores anarquistas são: Eliseu Reclus, Pedro Krópotkine, Jean Grave,

Charles Malato, Sebastien Faure, Guyau, Louise Michel, Enrico Malatesta, J. H. Mackay, Bruno Wile, Henrik Ibsen, A. Hamon, Pietro Gori, Ricardo Mella, Anselmo Lorenzo, etc.

Atualmente publicam-se com mais ou menos regularidade, os jornais *Temps Nouveaux*, *Père Peinard*, *Le Libertaire*, em França; *Freedom*, em Inglaterra; *Die Freiheit*, *Free Society*, Estados Unidos; *L'Agitazione*, *Il Libertario*, Italia; *Tierra y Libertad*, *El Productor*, em Espanha; *La Protesta* (diário da manhã) na Argentina; *A Anarquia*, *Aurora*, *Revolta*, *Germinal*, *O Libertario* e *Terra Livre*, em Portugal; *Nowy Kult*, na Bohemia e outros na Holanda, Alemanha Grecia, Cuba, Brazil, Uruguai, Chile, Ejito, Japão, etc., etc. Impossível recordar-nos de todos. De resto, todos os dias, por assim dizer, aparecem novos jornais e novas revistas nos mais variados pontos do globo.

Não obstante, poderemos citar as revistas *Humanité Nouvelle*, de Paris; *Il Pensiero*, de Roma; *Universita Popolare*, de Mantova; *Revista Blanca*, de Madrid; *Natura*, de Barcelona, etc.

Relativamente a livros e folhetos, o seu numero é demasiado consideravel para poderemos citar todos. Mas o leitor curioso achará a lista completa de tudo quanto ha publicado sobre anarquia na *Bibliografia da Anarquia*, editada em Londres por M. Netlau.

Do Dicionario *La Châtre*, 3, rue des Grands Augustins, Paris,

Em França

o povo detesta o quartel

Quando, para contentar o povo que ajudara os dreyfusistas na conquista do poder, foi em França reduzido ha dois anos o serviço militar, os soldados manifestaram ruidosamente o seu contentamento. Agora, tendo renascido a reacção militarista, sendo preciso satisfazer a ganancia do partido militar, dos fornecedores do exercito e dos industriais dos armamentos, o governo decide de improviso, aproveitando uma disposição legal para casos excepcionaes, manter por um ano mais nas fileiras os soldados cujo tempo devia acabar em setembro, isto apesar da opinião popular, claramente manifestada a proposito dum projeto de lei destinado a restabelecer definitivamente os três anos de serviço ativo.

Como era de esperar, os soldados, assim como tinham rejubilado com a redução do odioso tributo feudal pago ao capitalismo, protestam contra o recuo, contra o agravamento da servidão... Manifestam hoje, como manifestaram ontem, a

sua repugnancia pela caserna, repugnancia bem conhecida em todos os povos, apesar dos sofismas patrióticos com que a burguesia procura doirar a pilula.

Em muitas guarnições, em mais do que as indicadas pela imprensa governamental e nacionalista, houve protestos, insubordinações, cantos revolucionarios, vaias e sopapos nos officiaes.

A *Internacional* e o *Hino ao 17*—ao regimento de infantaria que ha anos se insubordinou em favor do povo—foram vibrantemente entoados por grandes coros militares, um deles até acompanhado pela banda rejimental! Atarantados, os officiaes parlamentavam com ar bonachão. E são notaveis as respostas justas, embaraçadoras, irrespondiveis dos soldados—porque os que mandam só são fortes num argumento: a disciplina imposta, e violencia.

—Bem sei, dizia em Toule um capitão á sua companhia, que é uma grande estopada servir por mais um ano; mas é a lei: consolemo-nos. E' preciso termos uma força igual aos alemães para evitar o "flagelo".

—Nunca quarenta milhões de franceses poderão igualar sessenta milhões de alemães.

—Vindo os novos recrutas e ficando nós aqui, os logares vagos na industria serão ocupados por "estranjeiros", chamados pelos patrões, como tem sucedido.

E mil respostas como esta. Embaraçado, lastimavel, o capitão reconhecia:

—Bem sei, bem sei; é uma estopada... Mas a lei de 3 anos vai ser votada...

Os burgueses fazem as leis e depois invocam-nas como razão! Pois que as desfaçam...

E' provavel que estes incidentes nos quartéis se repitam em setembro, talvez com mais gravidade e intensidade.

Do seu lado, a C. G. T., o Partido Socialista Unificado e os anarquistas proseguem na sua campanha antimilitarista, estremamente popular.

O governo pretende mesmo atribuir a inteira responsabilidade das revoltas militares, não aos seus proprios atos e provocações, não á reacção militarista e á escandalosa cupidéz das industrias da guerra, mas á influencia e á propaganda dos militantes operarios e revolucionarios.

Para preparar o terreno para as medidas contra esses elementos, o *Temps* publicou um relatório policial cheio de falsidades, insidias, deturpações de factos e de textos e tambem... imprudencias.

Assim o artigo policiesco faz remontar a campanha a 1900, dando ao "soldo do soldado" o maior papel. Ora a campanha era então sustentada ardentemente pelos dreyfusistas, hoje no poder. Na *Lanterne*,

Briand defendia o "soldo do soldado" e sustentava haver "casos em que, para o soldado, o dever pode ser não obedecer" (*Lanterne*, 1.º de novembro de 1899).

Em janeiro de 1912, Paulo Friburgo fez, num processo, o seguinte depoimento:

"Nessa época (em 1900), o governo mostrou-se favoravel e o ministro da guerra decidiu-se a enviar a este respeito uma circular a todos os chefes de divisão. Os soldados puderam então seguir livremente os cursos abertos nas Bolsas de Trabalho e ficar assim em relações com os seus antigos camaradas de officina. A propaganda era então declarada perfeita, louvavel e digna de interesse. E' que nesse momento, no dia seguinte á questão Dreyfus, a instituição pareceu util ao governo, que precisava dela pois que ela fazia concorrência ás obras de propaganda religiosa."

Não é verdade que os republicanos francezes se parecem com os nossos?

REVOLTAS

dum neurastenico

III

Como se enriquece...

Vamos encontrar os dois amigos, já nossos conhecidos, á mesa de um café para onde Anibal arrastara Rodrigo depois de uma larga passeata nos arredores da cidade. Estavam, saboreando, cada um, a sua chavena, o que os não impedia de acaloradamente discutirem assuntos sociais, como sempre acontecia quando se encontravam.

Anibal escutava o companheiro com um sorriso irónico, ao mesmo tempo que ia bebendo aos golinhos o saboroso Moca (de Cabo Verde...)

—Sim! exclamou Rodrigo, proseguindo no seu raciocinio. E' como te digo: é mercê dessa injustiça, que uma maioria parasitária, tendo esbulhado os miseraveis do que elles possuíam isto é: do direito a viverem e dos meios de o conseguir, torce a ciência a seu alvedrio para concluir que a humanidade não pode fugir á *lei natural* que a dividem em duas classes: a dos que tudo produzem e difficilmente conseguem obter uma diminuta parte da produção e dos que nada fazem e tudo tem e disfrutam largamente.

Anibal acendeu um charuto e puxando uma fumaça, observou atirando negligentemente com o fósforo para longe:

—Com efeito! é um facto a miséria da grande maioria dos homens; e que poucos, em comparação gozam de todas as felicidades; mas o que eu não compreendo nem tu me explicaste

ainda, é como essa miséria não é fruto da má administração que os miseráveis, como tu lhes chamas, deram ao seu patrimônio; e a abundância que regala os felizes, não resulta da sua previdência e economia. Tu convéns de certo comigo que um homem poupado, que não esbanja a sua fortuna, pode alcançar um futuro próspero e uma velhice tranqüila e ninguém tem o direito de lhe chamar espoliador da felicidade alheia. Goza o que é seu e lhe custou o seu trabalho ou o saber privar-se de prazer dispendioso embora de grande deleite momentâneo. Foi econômico, olhou ao futuro: por isso está tranqüilo e tem a suprema felicidade de nada lhe faltar porque soube poupar. Onde é que tu vês aqui a espoliação? onde é que está o roubo? Quem pode negar a este homem previdente o direito de gozar a fortuna que acumulou? Que culpa tem êle de os outros não terem sido econômicos? de não terem olhado ao futuro? de terem sido extravagantes?

— Em primeiro lugar: tu admities que um homem—qualquer homem—desprovido de tudo, pode enriquecer na sociedade actual só pelo seu trabalho?

— Pode.

— Como? Farás favôr de me dizer.

— Adotando o trabalho mais lucrativo que pudér alcançar e fazer; sendo poupado, não sacrificando o futuro ao presente, não procurando gozar numa hora o descanso e a ventura do resto da sua vida.

— Fôrte obsessão a tua! Então para ti, todos os homens pobres e miseráveis foram extravagantes, comprometeram o futuro por uma hora de prazer? Que cegueira de espirito! Mas, diz-me cá: Qual é o trabalho, digno deste nome, que permite realizar uma maravilha dessas? Enriquecer pelo trabalho, prosperar pela poupança?! Qual é esse trabalho!

— E' bôa pergunta! Ha, tantos!...

— Mas quais são êles? Dize.

— Eu sei! Olha por exemplo o de mestre de obras!

— Não escolhetes muito mal! poderias ter mencionado outro mais desgraçado...., comentou Rodrigo franzindo os lábios num sorriso de ligeira ironia. Pois seja o trabalho de mestre de obras. Por esse trabalho enriquece-se, não é assim?

— Ha exemplos! confirmou Anibal.

— Vejamos pois como este mestre de obras enriqueceu sem espoliar ninguém. E' esta a condição, não é verdade? Responde-me a uma pergunta: Ele repartiu pelos seus operários o lucro das obras que tomou a seu cargo?

Anibal olhou com assombro para o amigo.

— Sempre tens idéias! exclamou êle. Se tal fizesse, como poderia o mestre de obras capitalizar?

— Ah! então sempre espoliou alguém do que lhe era devido!

— Espoliar? Como? Onde está a espoliação? Pagou aos operários o seu trabalho; que querias tu? Do que lhes era devido! Que é que êle devia aos operários depois de ter pago as férias?

— Efétivamente, ponderou Rodrigo afétando convicção. Pela moral social nada lhes é devido depois de pagas as férias. E o que é mais: os codigos, as leis, os seus interpretadores, advogados, juizes, *tutti quanti*, apoiariam sempre o mestre de obras contra os operários se estes se lembrassem de reclamar a sua parte...

— Mas qual parte? interrompeu Anibal com calôr. Qual parte? Por ventura êles teem algum direito ao lucro que o mestre de obras realizou?

— Não! não teem nenhum! E' dos livros!... Por ventura (para os mestres de obras e para todo o patronato em geral) não teem nenhum direito á face da lei! Esta cousa da sociedade está muito bem arranjada! Rouba-nos e não podemos chamar-lhe ladra!

— Ora! redargüiu Anibal recolhendo os ombros com impaciência. Lá estás tu com a tua neurastenia.

— A minha neurastenia é levada do diabo! Lá isso é! Mas vai ouvindo e segue o meu raciocínio: Que trabalho fez o mestre de obras?

— Ora essa! dirigiu as obras!

— Ah! então é por isso que êle arrecada todo o lucro? Ora responde: Ele foi arrancar a pedra á pedreira?

— Não!

— Carregou com éla ás costas ou trouxe-a num carro?

— Não, certamente! disse Anibal. Mas onde queres tu chegar?

— Lá vamos. Vai respondendo. Ele é que deitou abaixo as árvores para lhes arrancar a madeira?

— Claro que não! mas...

— Espera! Foi êle que as cortou, as aparelhou para a construção? Foi êle que talhou a pedra para as ombreiras, couceiras e vergas do prédio?

— Está visto que não! Onde iria êle parar se fizesse tudo isso!

— Também não amassou a argamassa? não meteu o estuque? não pintou? não lavou por fim as casas nem as pôz em estado de serem habitadas?

— Pois evidentemente!! respondeu Anibal cada vez mais espantado. Mas a que propósito...

— Lá chegaremos! Logo o nosso mestre de obras não fez muitas outras coisas! Contudo para êle obter tais lucros, foi necessário que tudo isso se fizesse... Ou não?

— Com toda a certeza!

— Se êle fosse capaz, tivesse saúde e forças para fazer todo este trabalho, os lucros eram muito dêle, não é assim?

— Sem dúvida alguma.

— Então, se fazendo êle tudo, desde a ferramenta com que arrancou á pedreira a sua pedra, á saibreira a sua areia, á árvore a sua madeira, etc., etc., até á lavagem do último vidro do prédio, o lucro era todo dêle e só dêle; como succede que, não podendo êle executar todo este colossal trabalho e sendo este feito, na má-cima parte por trabalhadores de diferentes officios, êle não reparte esse lucro por si e pelos seus cooperadores e fica, *êle só*, com todo esse lucro? Sim! porquê? Porque razão isso acontece?

— Ora essa! porque lhes pagou o seu jornal! Olha que leria!

— E êle também não se pagou do seu jornal? Pois que entendes tu por lucro? E' porventura a paga do jornal? Se o operário recebe jornal, também fornece trabalho e portanto *faz uma troca*, onde não ha por consequência lucro. Lucro receberia êle, se depois de paga a sua fêria, e dado o caso de ser esta o equivalente integral do trabalho fornecido (o que não é, deixa-me dizer-to já) lhe dessem ainda alguma parte. Mas tal não acontece e o nosso mestre de obras, pelo contrário, não reparte cousa alguma e fica com tudo.

Pintou-se na fisionomia de Anibal uma vaga expressão de dúvida. Ele sentia-se quasi vencido. Mordiscava o charuto

que se lhe revolvia entre os dentes desesperadamente. Procurava uma saída. A lójica do amigo atordoava-o. De súbito iluminou se-lhe a feição. Anibal encontrara um *argumento*:
— Mas, observou êle, o capital que o homem empatou, não ha de vencer juro?

— O capital? mas nós partimos da hipótese de que êle não tinha um centavo! Só dispunha da sua facultade de trabalho! rebateu Rodrigo levando finalmente aos lábios a chávena que ficara esquecida, no ardor da conversa, quasi desde o principio do diálogo.
— Porém, se êle o tivesse, pequeno que fosse?

— Seria necessário inquirir como esse capital lhe veiu. Já viste que sem espoliar alguém, mais dentro da lei mais tóra dêla, não ajuntava cousa alguma parecida com riqueza, por mais económico que fosse.

E, esgotando a última gota de café, Rodrigo levantou-se e dirigindo-se ao amigo:

— Queres analisar outra profissão? perguntou êle.

— Não agora! estou quasi convencido! Pela tua maneira de arrazoar, nenhuma escapa ás tuas conclusões.

— Nesse caso discutiremos noutra ocasião. Vamo-nos.

— Rapaz! paga-te e guarda o resto!

E os dois amigos saíram do estabelecimento.

José Carlos de Souza

O sufrajio universal na Beljica

A grève geral sufrajista na Beljica terminou com os resultados que se esperavam, com quanto os politicos interessados, num eutusiasmo simulado, cantem hossanas á *tão* estrondosa vitoria. A vitoria resumiu-se numa proposta do deputado Masson, aproveitando as declarações governamentais. O governo, ante a atitude do trabalhador, ordena aos marechais do movimento, que deem ordens para que os seus subordinados retomem o trabalho, se querem que ele discuta serenamente a reforma eleitoral. Masson, imaginando a ocasião propicia, faz aprovar pelo parlamento essas afirmações, ao passo que aquele leva os representantes da nação a depôrem contra a grève geral. Ficou assim retribuida a vontade dos dois lados. Quem ganhou? quem perdeu? O trabalhador mais uma vez foi vítima da sua incuria, da sua injenuidade. Em 1886 e 1893 bateu-se denodadamente por um falso idealismo, cujos resultados praticos foram nenhuns, a não ser uma dura lição. Porque se bateu o trabalhador naquelas datas? por mais uma duzia de deputados.

Um deputado não me inspira confiança, seja burguez,

seja operario. Um burguez, é um burguez, embora seja um Bebel, um Vandervelde ou um Jaurés. Que especie de socialismo pode ser o de estas três entidades citadas? Que especie de desinteresse pode ser o da-quele que depõe a ferramenta para se tornar um dirigente? Um operario pode ser deputado, mas um deputado não pode ser operario. Desde que um operario qualquer deixa a sua ferramenta do trabalho para se enfileirar ao lado dos administradores do povo produtor, essa personalidade para mim perde imediatamente toda a sua autoridade moral. Deixa de ser um consciente para se tornar um juguete da influencia parlamentar. Um aperto de mão é uma gentileza inesquecível. A conveniencia partidaria é um dever e uma tatica que se não deve desprezar.

O operario que se deixa elevar a deputado renega a convivencia dos seus camaradas para se tornar um seu superior, e eu não admito superioridades. Ha cerebros mais ou menos cultivados. Ha desequilibrados? Sim, mas um desequilibrado não é um ser inferior, é um doente e examinados os sintomas dessa doença, vemos que ela é devida na grande maioria dos casos á

influência do meio social. Devemos, pois, ser uns diretores da humanidade? Não. Para se ser um pugnador sincero pela verdade e pela justiça eu e os meus camaradas não precisamos de subir até às classes preponderantes. Para se chegar até á perfeitabilidade humana e entrar definitivamente numa sociedade livre, sem distinções de raças, de castas, a burguezia dominante é que tem de descer até nós. E se não quizer descer, que se suicide. O essencial é que nós trabalhadores nos organizemos para tomar posse da ferramenta indispensável á produção, para tomar conta do maquinismo moderno que hoje nos apoquentam, fruto do aperfeiçoamento de inumeras gerações.

Mas, por uma aberração de principios, por uma imbecilidade inerente a essa aberração, os socialistas belgas que tem de atender primeiro á conveniencia partidaria, aliam-se com os outros partidos politicos e lançam o povo numa luta improficua. O povo bate-se nas ruas, enquanto os marechais desaparecem, fojem, volatilizam-se, cobardes, trementes, vergonhosos.

Vandervelde diz: «Se não obtemos legalmente o que reclamamos, e que é nosso direito, toma-lo-emos». E ante a atitude enerjica do trabalhador, que se deixa espicaçar, como se fôsse um bife apetitoso, pela ponta da baioneta da ordem, a disciplina partidaria, comprometida, reclama ordem, aconselhando a volta ao trabalho, não vá ás vezes a lua cair á terra, estabelecer-se o desequilibrio planetario e o partido esfacular-se imprudentemente. Anseele, «o despota de *Vooruit*» de Gant, onde os pobres trabalhadores de linho, que inspiram piedade ao vel-os, trabalham dez horas e meia por dia, tambem é apolojista da ação enerjica pelo sufrajio. Monrost igualmente era da mesma opinião. Hoje, por artes magicas, é rico, vive satisfeito e despreocupado, ao lado de Alberto I. Um Ferri.

Nas eleições de 2 de junho do ano preterito, mais uma vez o humilde ludibriado desce á luta, havendo algumas grèves importantes. O governo, como é natural, ezerce a violencia. O sangue inunda as ruas. Lieje é o principal teatro da luta. Nas noites de 2 e 3 são chamados os reservistas, que, passadas algumas horas, cantam a «Internacional», fazem causa comum com o povo, vendo-se o governo forçado a licenciar-los imediatamente. Ah! se a luta fosse por uma conquista economica, se a batalha travada fosse com o fim de destruir enerjicamente a opressão capitalista, aproximando-se o trabalhador da sua emancipação integral, que belesa não era, e como esses jovens reservistas não desempenhavam um

papel libertador ao lado do oprimido!

Tratava-se apenas de mais alguns milhares de votos. Não era preciso tanto sacrificio. Por isso mesmo, os chefes socialistas como os liberais, não se reúnem para se ocupar do ocorrido. Ordem! ordem! ordem!

Só três dias depois dos acontecimentos é que o Conselho Geral do partido social democrata reúne, tendo primeiramente o cuidado de espulsar um camarada estrangeiro que lhe lança no rosto as suas cobardias, resolvendo efetuar um congresso extraordinario em 30 de junho que votou mais uma vez a grève geral pelo sufrajio, grève que acaba de terminar com os resultados praticos que se esperavam. Em 1886, 1893 e 2 de junho ultimo houve sangria, e por isso foi um pouco assustador. Vandervelde, que antes se tinha assustado sensivelmente, preconiza uma outra especie de grève: a grève pacifica. Que genialidade! Para se conseguir o sufrajio resolve-se a grève. Para o povo sustentar essa grève Vandervelde diz-lhe que é necessario conseguir muito dinheiro; aonde não diz 400:000 grévistas, iludidos, passeiam as ruas serenamente, visitam as oficinas, os estabelecimentos, param em frente das vitrines, apreciando a sua produção ali monopolizada, não tirando sequer a menor ideia da sua boçalidade,

Invertamos os factos imajinemos que o que se deu na Belgica se dá em Portugal. Suponhamos que aqui o grupello socialista tem a força do partido social-democrata belga, e que para mais força possuir, se une aos outros partidos interessados tambem no sufrajio, pedra angular do seu desenvolvimento, para, conjuntamente, todos precipitem o povo português na grève geral. Vandervelde, neste caso, vem a ser o nosso deputado socialista que saiu dum aborto politico... Com o seu verbo eloquente com a sua *inteligencia* aquilina aconselha as massas, nas reuniões preparatorias para o grande combate, a que consiga adquirir muito dinheiro, mesmo muito dinheiro, embora o vá roubar, reconhecida a sua miseria extrema. «Ha algum dinheiro nos cofres partidarios de resistencia, mas é insufficiente», esclama o bondoso deputado.

Façamos de conta que já se tinham ferido as jornadas de 86, 98 e 2 de junho de 912. Comos essas datas assinalem dias sanguinolentos e temerosos, o nosso deputado, genuino representante do trabalhador, medroso, impõe desta vez ao seu rebanho irrequieto a que proceda ordeiramente, *respeitavelmente*, disciplinadamente, para que dê uma ideia iniludível da sua boa educação.

Depois das coisas convenientemente preparadas, o paiz desce á arena combativa. O movimento estende-se ás principais cidades, reinando grande entusiasmo, especializando Lisboa e Porto. Porque é precisa muita passividade, os grévistas passeiam jovialmente pelas avenidas e pelos jardins. Boa maneira essa de se conseguir uma melhoria politica ou economica.

Sempre bem orientados, visitam alegremente, no Porto, os Herminios, e o Chiado, apreciando a produção ali bem armazenada e admirando os bonecos de movimento e outras bujigangas, para entretenimento dos seus futuros tiranos, que são o fruto de milhares de operarios que se empregam na sua confecção, quando se podiam entregar a coisas mais uteis; em Lisboa passam revista aos Armazens Grandela, cujo proprietario é um grande *filantropo*, e á sede principal do Chiado, além de varios outros estabelecimentos, sempre pacificos, sempre respeitando a propriedade alheia, porque as fazendas, os tecidos, as louças, o calçado, etc., ali em exposição são só para quem tiver dinheiro, e, por consequencia, pouco importa que se ande roto, descalço, sujo, esfomeado.

O governo perante tal grandiosidade, ordena que todos retomem imediatamente o trabalho se querem que se discuta a reforma da lei. Um outro deputado levanta-se no parlamento faz aprovar as declarações ministeriais e o Vandervelde português, todo vitorioso, manda recolher o rebanho ao seu *cortiço*. Os jornais, entusiasmados, erguem divinal-

mente as mãos aos céus, e tudo está terminado. Assombrosamente belo!

Eis o caso da Belgica. É que isto de se pretender conquistar do Estado uma determinada coisa, passeando-se arrebitadamente é, na verdade, excelente. Ao mesmo tempo é um divertimento inofensivo e livre de responsabilidades. Por isso os politicos, incluindo os nossos, aplaudem esses movimentos escenticos; por isso Afonso Costa, o chefe mais graduado da concentração liberal dentro da republica... amonarquizada, diz que a grève geral tem o inconveniente terrível de matar os proprios que se servem dela para as suas reivindicações economicas ou politicas. E tem razão, carradas de razão, porque a grève geral revolucionaria preconizada pelos anarquistas e sindicalistas não consta unicamente duma simples cruzadela de braços. A sua ação, a sua enerjia, a sua inconfundível grandeza moral, tem mais alguma coisa de util e pratico, tem, incomparavelmente, muito maior valor. Uma grève pacifica, semelhando a uma folga divertida, não é tão ameaçadora, não espalha nenhum terror nas classes abastadas. O unico resultado tirado da sua praticabilidade é o esgotar centenas de contos de réis que se podiam utilizar na difusão do ensino e da educação operaria na propaganda puramente revolucionaria, criando milhares de consciencias.

Mas que querem, se eles entendem que para reformar a sociedade são precisas mais meia duzia de bancadas parlamentares?

Clemente Vieira dos Santos.

Aos nossos camaradas e amigos

Para a publicação do semanario anarquista *Terra Livre* é levantado, entre os que professam ou simpatizam com as doutrinas que ele propaga, um emprestimo de 250\$000 réis divididos em 500 titulos de 500 réis cada um, reembolsaveis em livros e publicações diversas.

O portador de titulos de emprestimo ficará *ipso facto*, fazendo parte do grupo editor de *Terra Livre*.

A posse do titulo não só não ezime do pagamento de assinatura do jornal como não confere o direito de interferencia nos negocios administrativos ou em assuntos de redação, os quais estão sob a responsabilidade dos organizadores do grupo editor.

Os camaradas a cargo de quem estão a redação e administração do jornal obrigam-se a publicar um balancete mensal e a patentear os livros de escrita a todos os membros do grupo editor, todas as vezes que lhes aprover examina-los.

Diante do que fica esposto esperamos que os camaradas venham á nossa administração Rua das Gaveas, 55, 1.º, a subcrever as ações que aqui se acham á sua disposição. Aqueles que não poderem vir aos nossos escritorios queiram remeter por carta o nome e a morada, declarando o numero de ações que desejem, que, imediatamente, o nosso cobrador irá procura-los.

Do mesmo processo se podem servir os camaradas da provincia enviando-nos, juntamente com os pedidos, a importancia respétiva sem o que os não podemos satisfazer.

AVISO A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16